



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS –CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

MAXWILLIAM DOMINGUES DA SILVA LIMA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA
NA SALA DE AULA: UMA LEITURA DE “A COR DA
TERNURA” DE GENI GUIMARÃES**

GUARABIRA - PB
2015

MAXWILLIAM DOMINGUES DA SILVA LIMA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA
NA SALA DE AULA: UMA LEITURA DE “A COR DA
TERNURA” DE GENI GUIMARÃES**

Artigo apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciada em
Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732c

Lima, Maxwilliam Domingues da Silva
A construção identitária da criança negra na sala de aula
[manuscrito] : uma leitura de "A cor da ternura" de Geni
Guimarães / Maxwilliam Domingues da Silva Lima. - 2015.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras".

1. Identidade. 2. Negritude. 3. Anti-racismo. I. Título.

21. ed. CDD 398

MAXWILLIAM DOMINGUES DA SILVA LIMA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA NA SALA DE AULA:
UMA LEITURA DE “A COR DA TERNURA” DE GENI GUIMARÃES**

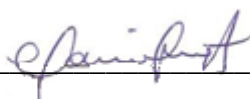
Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 10 de julho de 2015


BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Rosilda Alves Pereira (Orientadora/UEPB)



Prof^ª. Dra. Maria Suely da Costa (Examinadora/UEPB)



Prof^ª. Dra. Maria Neni de Freitas (Examinadora/UEPB)

Guarabira/PB

Julho/2015

RESUMO

Neste artigo, analisamos o livro “A cor da ternura” da autora Geni Guimarães, destacando a relevância da obra para a reflexão das relações étnico-raciais na sociedade brasileira como um todo e nas escolas em particular, e com isso, sublinhamos a possibilidade de sua utilização em sala de aula como forma de cumprimento da Lei 10.639 de 2003. Neste sentido, partimos de uma concepção de educação que se preocupe com o enfrentamento do racismo, a diminuição do preconceito no ambiente escolar e a construção da identidade da criança negra em sala. Tentando desta forma, construir além de uma identidade e sentimento de pertencimento, um resgate de contribuição do negro em sociedade. Tentamos, pois, abordar uma temática tão delicada tendo como norte a história da personagem Geni, que em sua narrativa de vida nos traz exemplos de superação. O aporte teórico utilizado baseia-se nos estudos de Gislene Santos (que abordam questões ligadas à formação e (re)construção identitária negra, como Anete Abramowicz, (2006), Eliane Cavalleiro (2000), Ademir Santos (2008), Kabengele Munanga (2006), Vera Lúcia Neri da Silva (2002). Os estudos referentes à literatura infantil negra serão concentrados nas pesquisas desenvolvidas por Maria Anória de Jesus Oliveira (2010); Heloisa Pires de Lima e Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil, com Ione da Silva Jovino.

Palavras-chave: Identidade; Negritude; Anti-racismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da leitura do livro de literatura infanto-juvenil *A cor da ternura*, de Geni Guimarães. Um breve levantamento etimológico e significativo sobre (cor e ternura) nos traz as seguintes afirmações. *Cor*: é a impressão que a luz refletida ou absorvida pelos corpos produz nos olhos. *Ternura*: é um substantivo que indica uma atitude ou atributo de quem é terno e significa meiguice, afeto, carinho.

Destacamos que a palavra *cor* pode perpassar vários contextos, se referindo por exemplo, a cor de (cabelos, olhos, peles) e, fazendo uma associação entre cor e ternura, palavras presentes no título do livro, colocamos a cor de pele negra na obra em estudo como atributo de ternura e afeto. Poderia nesse sentido, haver ternura na cor? Ou qual seria, a cor da ternura? Essas são aquelas perguntas com várias respostas, com diferentes entendimentos e que dificilmente encontraríamos uma resposta plausível, mas nossa intenção neste trabalho é perceber o que há de terno em sermos e nos reconhecermos enquanto negros e negras em uma sociedade racialmente desigual.

A cor da ternura foi publicado no ano de 1998, e escrito pela autora Geni Guimarães. O livro nos traz através de sua narrativa a história da personagem Geni, menina pobre, negra, que vivencia conflitos raciais, e é discriminada, muito apegada à sua mãe e com quem busca alento no tamanho do seu amor, que pode ser mensurado pelo comprimento da extensão dos seus braços. Como toda criança, possui um sonho: se tornar professora, já que segundo o seu pai, seria um dos poucos papéis cabíveis a mulher em sociedade.

É possível perceber através da leitura e dos fatos narrados que a obra é autobiográfica, nos trazendo confissões e memórias, revelando sentimentos íntimos e experiências próprias, ou seja, retrata a história da própria escritora Geni Guimarães, iniciando desde sua infância, e dos primeiros momentos na escola, perpassando a sua fase adulta e o seu ingresso profissional, nos mostrando uma linda história de superação, digna de exemplo pra tantas outras crianças, que assim como a Geni, sofre o preconceito ainda arraigado em nossa sociedade, preconceito esse que é medido e imposto em cima de sua cor e de condição étnico.

Ao dar início a leitura de *A cor da Ternura*, foi inevitável não haver envolvimento, não somente pela obra em si, mas também pelas questões das relações étnico-raciais. Foi algo que nos deu sede de conhecimento, que nos fez pesquisar a obrigação de aprofundamento sobre a temática, e ser sujeito em lutar contra o racismo, principalmente no âmbito o qual temos nos preparado para atuar, que é a sala de aula.

Tenta-se, desta forma, contribuir para a (re)construção e o (re)conhecimento da criança negra em sala de aula, caminhando assim para uma "educação antirracista"¹, educação importante não só para o aluno negro, mas para todos os demais, nos dando a possibilidade de conhecer e respeitar as diferenças não só na escola, mas na sociedade.

O objetivo do trabalho é destacar a utilização do referido livro em sala de aula, ressaltando as possibilidades do mesmo como mecanismo de enfrentamento ao racismo no âmbito escolar em função da criança negra sob a perspectiva temática de (re)construção identitária. Maria Anória de Jesus Oliveira assegura nesta mesma linha de pensamento que,

a literatura, e em especial a infantil tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (OLIVEIRA, 2009, p. 158).

A literatura infanto-juvenil é mecanismo de ruptura, transformação e libertação, no que tange a uma inovação que rompe com os estereótipos negativos em torno do personagem negro, os trazendo por um viés de representação positiva, sem inferiorizá-los por meio de papéis subalternos e linguajar depredatório, contribuindo para uma construção de imagem positiva e afetuosa, revalorizando seus legados socioculturais. A saber que nem todas as obras literárias infanto-juvenil são felizes nos aspectos acima citados, pelo fato de muitas ainda trazerem imagens estereotipadas dos seus personagens.

Os problemas em torno do racismo, a falta de conteúdos que abarcassem a história e a cultura Africana e Afro-Brasileira dentro do componente curricular e por consequência dentro dos conteúdos trabalhados em sala de aula geraram discussões e

¹ "Educação antirracista", conforme Cavalleiro (2001), é aquela que prima pela diversidade etnicorracial, prescindindo o eurocentrismo curricular.

modificações na Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDB) no ano de 1996, vindo assegurar o seguinte:

o ensino da História do Brasil levaria em conta a contribuição das diversas culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. Embora tal inclusão tenha sido insuficiente para a inclusão tenha sido insuficiente para modificar toda a educação escolar, isso foi considerado um avanço nas discussões sobre a necessidade de garantir a permanência da população negra na escola e uma educação mais igualitária, em que todos os grupos pudessem ser representados na história ensinada. (BARROS, 2012, p.53).

É pensando nos discursos preconceituosos eminentes em sala de aula que nossa justificativa está baseada na Lei 10.639/3, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro brasileira na Educação Básica, "no que tange à valorização da história e das culturas[...] que chamo a atenção para a necessidade de prosseguir com ideários de *Negritude*, [...] por meio de representações positivas deles nas produções literárias infanto-juvenis" (OLIVEIRA, 2010, p.111). A partir desse contexto, procura-se desconstruir a predominância eurocêntrica do currículo escolar, enveredando numa direção de pensamento, no qual se possa questionar, desmitificar e expandir a visão dos alunos sobre a temática étnico racial no âmbito da escola enquanto espaço coexistente de diversidades, onde todas devem ser respeitadas.

A aludida lei é fruto de luta e militância dos movimentos sociais negros, que destacavam (destaca) e exigiam (exige) uma educação que contemplasse (contemple) a história do negro bem como sua trajetória de lutas e resistência e toda a sua contribuição na construção sociocultural brasileira. A lei torna-se um marco histórico na história do movimento negro com a sua aprovação e sanção no ano de 2003 pelo então atual presidente da época, Luís Inácio Lula da Silva.

A lei foi (e é) considerada como um avanço, no que se refere à luta para combater o racismo e as desigualdades raciais, uma vez que se trata de uma política pública que tem a pretensão de atingir expressiva parte da população escolar, valorizar a diversidade cultural na formação do Brasil, contribuir para a construção e afirmação de identidade negra. Assim como tem sido colocado por vários estudiosos, é um momento para se repensar o currículo escolar brasileiro, em todos os níveis e modalidades de ensino. (ROCHA, 2013, p.318)

Além de determinar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica das instituições de ensino do Brasil, a lei 10.639/3 elege as disciplinas de Educação Artística, Literatura e História como áreas especiais em que esta temática deve ser abordada. E desta feita nos reportamos em especial a disciplina de Literatura, reconhecendo que a mesma é privilegiada para a atuação deste enfrentamento ao racismo.

É neste caminhar que o livro *A cor da ternura* refere-se aos aspectos que a lei determina, colocando-se como um mecanismo a ser utilizado em sala de aula, e que suscita reflexões em torno da identidade negra, tecendo uma visão positiva da personagem através de uma narrativa de superação, tornando-se assim um referencial literário para as relações étnico-raciais.

As políticas de "[...]ação afirmativa não veio somente para compensar negros pelo passado de escravidão e pelo presente da discriminação[...]", (FRY, 2005, p.336), mas também para tentar viabilizar e identificar de modo positivo a identidade negra. Segundo Praxedes *Apud* Aquino (2017, p. 17) afirma que, a "questão das cotas e das políticas afirmativas para afrodescendentes se torna política quando estes intentam a construção de uma identidade coletiva, adquirem visibilidade no espaço social e lutam abertamente por um espaço destinado estruturalmente aos “não-negros”.

Destacamos que a metodologia utilizada está baseada na leitura e análise do texto, a pesquisa é de cunho bibliográfico e etnográfico, tendo por levantamento a biografia da autora, como temáticas relacionadas a questões étnico-raciais.

O aporte teórico utilizado baseia-se nos estudos de Gislene Santos (que abordam questões ligadas à formação e (re)construção identitária negra, como Anete Abramowicz, (2006), que trabalha a temática da diferença na Educação Infantil. Eliane Cavalleiro (2000), que desenvolve o estudo sobre a questão do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Ademir Santos (2008), que pesquisa trabalhos sobre as práticas pedagógicas no combate ao racismo, com foco na docência dos anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Lei Federal no. 10639/03. Kabengele Munanga (2006), com as pesquisas sobre o negro no Brasil e superação do racismo na escola. Vera Lúcia Neri da Silva (2002), a partir das interações sociais e a formação da identidade da criança negra.

Os estudos referentes à literatura infantil negra serão concentrados nas pesquisas desenvolvidas por Maria Anória de Jesus Oliveira (2010), sobre personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e Moçambique; Heloisa Pires de Lima e Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil, com Ione da Silva Jovino.

O artigo aborda três momentos que consideramos e destacamos como sendo cruciais para o desenvolvimento da criança negra e da sua relação com a própria identidade e pertencimento étnico-racial.

Temos, porém, o enfoque da fala da personagem Geni, momento no qual ela questiona a sua mãe sobre sua cor, e especula a possibilidade de mudança. Sabe-se que, assim como a personagem, muitas crianças negras passam ou já passaram por esse momento de negação de pertencimento de sua etnia.

Em sequência temos a personagem ingressando no meio escolar e vivenciando situações que propiciam sua percepção como única criança negra na sala de aula, ambiente onde lhe é passada visões distorcidas de seu povo e de suas origens. Fato que a leva ter um (re)conhecimento negativo de si mesma. Acrescido a esses fatos temos outros momentos de negação e tentativa de despertencimento negro, onde a criança se automutila, tentando deixar de ser negra.

Mediante tudo que já foi destacado como fato ocorrido, chegamos ao ápice da história narrada na obra, onde a personagem em sua idade adulta, já havendo conseguido superar todo preconceito e toda uma sociedade racista, preconceituosa e excludente, passa a auto afirmar-se negra, demonstrando superação sobretudo o que outrora lhe tentou segregar e silenciar.

“Tinta de gente não sai”: conflitos de negação da identidade negra

— Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta?

— Credo-em-cruz! *Tinta de gente não sai.*

Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? - Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga foi dizendo: — Você ia ficar branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... (GUIMARÃES, 1998, p.10)

O motivo pelo qual nos referimos no título à nuance de pele negra como "tinta", além de enfatizar que essa "tinta" não sai, é simples de entender. Tentamos através da expressão "tinta de gente não sai", retratar o momento em que uma menina negra, passa por um de seus primeiros momentos de negação identitária negra. Momento este retratado na epígrafe acima.

Mas o que viria ser identidade? Identidade é uma palavra (expressão) oriunda do latim *identitas*. E nada mais é que o/um conjunto de (os) traços e características de um determinado indivíduo ou comunidade, caracterizando-os assim perante os demais. Ao falar sobre identidade, Munanga (1994) postula que:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178)

Se percebe através da citação acima que é tido como identidade, a visão que o indivíduo tem de si e que o torna diferente dos demais, bem como a visão que ele tem do outro sobre si. Sendo este, tema de bastantes debates e discussões, e muitas das vezes voltada a causas em torno das relações raciais. Mirian de Albuquerque Aquino se baseia em Munanga (2012) e postula que: "a identidade que interessa aos afro-brasileiros ou afrodescendentes é vista do ponto de vista da comunidade negra, através do seu movimento social e de suas entidades políticas". (AQUINO, 2012, p.19)

A identidade por sua vez também é constituída para "aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder" (CASTELLS, 1999, p. 24). É nessa linha que se constituiu a identidade do povo afro-brasileiro, no qual, por muito tempo o negro foi e muitas das vezes é discriminado em sociedade. Muitos são segregados a papéis subalternos, tendo suas participações históricas na construção sociocultural da sociedade invisibilizados.

São a eles destinados apenas alguns capítulos ou apenas páginas nos livros didáticos de História, nos quais são retratados de maneira estereotipada, sendo em sua grande maioria relatados (apenas) como escravos, tendo assim sua história "cristalizada" em torno da escravidão e do negro enquanto sujeito passivo de tudo o que lhes era imposto, e nunca os trazendo como autores no processo de construção da sociedade Brasileira. Fúlvia Rosenberg (1985, p. 84) destaca que "[..]o branco, enquanto personagem, recebe uma elaboração maior que o não branco".

A citação acima reforça a visão de que o negro é em grande maioria retratado por meio de fenótipos depreciativos, se constituindo "numa desqualificação de práticas alienígenas, mas também na própria negação da humanidade do outro". (SANTOMÉ, 1995. Apud: SANTOS, 2006, p. 61).

Tem-se assim uma visão etnocêntrica produtora de julgamentos em cima do que é belo e bom, sendo esta uma postura de negação e desvalorização. "O etnocentrismo consiste, pois, em julgar como "certo" ou "errado", "feio" ou "bonito" "normal" ou "anormal" os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos a partir dos próprios padrões culturais[..]"(SANTOMÉ, 1995. Apud: SANTOS, 2006, p.61).

Ao analisarmos além dos livros didáticos, encontraremos também na literatura, seja ela para o público adulto ou infantil, associações discriminatórias, pejorativas, segregadoras e estereotipadas em torno da representação do personagem negro. Em suas análises, Brookshaw (1983, p.12) demonstra que há "[...]associação da cor preta com a maldade e a feiura e da cor branca com a bondade[...]". Ele ainda reafirma que a maneira como o branco vê o negro, foi por sua vez moldado desde a infância através das histórias em que a negritude era associada ao que é mal.

A negação de identidade negra está historicamente ligada e subjugada a um ideal estilístico cultural eurocêntrico, como outrora enfatizado. E devido a esse "ideal" que

nos é apresentado desde à infância, que muitas crianças, futuros adultos, desenvolvem uma autonegação por ser negro. Nos direcionando neste momento em especial, a criança, como sujeito em construção e (re)conhecimento de si mesma. "Compreender a criança afrodescendente como presença, é entendê-la enquanto corporeidade viva no mundo, como Ser em busca de esclarecimento sobre si, em seu sentido ontológico, a partir das relações tensivas (e conflitivas) com o outro". (SANTOS, 2006, p.66)

Anteriormente, retratamos um momento de autonegação identitária por uma criança negra. Este momento encontra-se narrado no primeiro capítulo da obra literária infanto-juvenil *A cor da Ternura*, tendo por título: "Primeiras Lembranças", onde uma mulher negra amamenta sua filha, desfrutando de um dos momentos mais plenos de sua maternidade, quando a singeleza do momento é quebrada por uma pergunta inusitada: "— Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta?", a criança negra é a personagem Geni, que de forma simples nos ajuda a refletir sobre a construção identitária das crianças negras.

Assim como a personagem, uma criança negra que está inserida em sociedade atual, é influenciada por esse ideal de beleza europeu (branco, de cabelos lisos). Seja pela mídia, ou pelas marcas famosas de bonecas(os) que as induzem e (re)afirmam que aquele modelo (europeu) é aceito em sociedade. E através destes hábitos "a criança afrodescendente [...] incorpora pensamentos e padrões de conduta que reduzem a possibilidade de Ser e se revelar enquanto presença." (SANTOS, 2006, p.74).

A partir desses hábitos conflitantes e dos "modelos ideais" relacionados às nuances de pele, etnia, tipos de cabelo, é que a criança negra começa negar sua identidade, esquecer do seu 'eu' para passar a desenvolver um 'eu' pelo qual ela possa ser reconhecida de maneira que não venha ser subjugada e depreciada.

Em *A cor da ternura*, em função dos conflitos de negação de identidade e da tentativa em assumir o papel daquela classe europeia majoritária e tida como "modelo" é que destacamos a Geni, se envergonhando do seu "eu" ao dizer que vinha "mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães...Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seus país. Os idiotas dos negros, nada." (GUIMARÃES, 1998, p.67).

No capítulo intitulado "Metamorfose" a personagem narra mais um de seus conflitos em torno de sua identidade negra, quando a mesma tenta retirar de forma mutiladora todo o "negro da pele", esfregando no "peito da perna" tijolo triturado, material na época usado para limpeza de alumínios. Tal efeito de mutilação é descrito quando ela diz: "eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele" (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

Nas análises do historiador e poeta Antonio Risério, "o negro, numa sociedade escravista (ou "apenas" discriminatória), é uma fábrica de defesas psicológicas". (RISÉRIO, 1993, p.78). Tal citação corrobora com o ato mutilador exercido por Geni, quando ao tentar retirar todo "o negro da pele" ela constitui um mecanismo de defesa em função da sua autonegação. É, portanto, "neste estágio de consciência de si e da sua cor que a personagem constrói a sua identidade" (SILVA, 2014, p.04).

Todos esses fatos acima narrados são oriundos dos discursos eminentes em sala de aula, que levam em sua maioria crianças negras negarem e se sentirem inferior aos demais pela sua nuance de cor. E nesta perspectiva do aluno negro que entra em cena o papel da escola e em especial do professor sob o viés da lei 10.639/3, no sentido de trabalhar a valorização social, histórica e cultura da população negra, seja ela de matriz Africana ou Afro-Brasileira. Possibilitando uma visão "com os ideários da *Negritude*, com vista na inovação desses seres, por meio de uma representação positiva deles nas produções literárias infanto-juvenis". (OLIVEIRA, 2010 p. 111).

O livro em estudo mostra-se como um importante material de apoio e instrumento didático para os professores de Língua Portuguesa que estejam atentos a aplicação da legislação citada anteriormente, porque nele encontramos elementos ricos para o desenvolvimento de atividades que visem o cumprimento da lei e uma prática que proporcione uma reflexão sobre as relações étnico-raciais no Brasil. A partir da leitura e análise da obra em destaque, é possível refletir sobre um importante aspecto da educação para as relações étnico-raciais presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana:

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade

impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente. (BRASIL, 2004).

A citação mostra o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais que vise superar as práticas racistas da sociedade, sendo preciso emergir “as dores e os medos”, e a obra em análise é uma fonte de destaque para tanto. E ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana,

a educação das relações étnico-raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização da identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

Sendo assim, para se desenvolver uma educação antirracista é necessário entender que, a escola é um lugar por excelência de criação de uma “sociedade desracializada”², longe das construções distorcidas sobre a África e sobre o negro. E para isso podemos nos utilizar da literatura infanto-juvenil.

Tempos escolares: (Re)conhecimento do ser negro

Por volta do dia 10 (dez) ou 11 (onze) de maio, uma professora informa a sua turma que, no dia 13 (treze) do corrente mês, haveria uma festa em homenagem à Princesa Izabel, que teria libertado os escravos, e informa também que, alguns dos alunos seriam escolhidos para recitarem versos em homenagem à princesa. Muitas crianças eufóricas gritam e levantam suas mãos querendo ter participação. Porém é nesse momento que uma criança negra levanta sua mão, reluzindo assim "negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas." (GUIMARÃES, 1998, p. 61).

Retratamos o momento acima para poder destacar que o (re)conhecimento de pertencimento negro, assim como a alta negação que foi outrora abordada, são evidenciados no ingresso escolar. Devido a escola ser espaço de diversidade, onde os EUs se contrapõem e as diferenças se destacam. Tal aspecto é um processo doloroso,

² Entendemos como sociedade desracializada, uma sociedade em que não haja diferenciação de pessoas, com base em discursos e práticas racistas.

pelo fato do preconceito, mas necessário, pois é a partir do seu (re)conhecimento que pode-se dar início a sua militância e luta contra os preconceitos racistas, contudo abordaremos as questões sobre afirmação e superação mais à frente.

Esse momento de se (re)conhecer enquanto negro(a), em sala de aula e em sociedade é bem retratado dentro do livro em leitura *A cor da ternura*, e é portanto que o colocamos como mecanismo de enfrentamento ao racismo escolar. Uma criança negra, em processo de negação e reconhecimento, ao ter contato com esta literatura, poderá retirar muitos proveitos, pois ao ler ela se identificará com a personagem e terá a visão de que assim como a personagem Geni, que venceu todos os olhares tortos, todo o preconceito que lhe foi imposto em cima de sua condição étnico racial e tornou-se em sua idade adulta professora; ela pode também vencer e ser exemplo de superação frente esta sociedade preconceituosa.

(Re)conhecer, nesse sentido, seria perceber-se e aceitar-se como negro, tendo porém conhecimento de suas origens e de seu povo. É entender que ser negro não é apenas nuance de pele, mas é, principalmente, pertencimento e identidade. Epistemologicamente reconhecer seria declarar, admitir como real, mostrar gratidão. Ou seja, o que queremos colocar com esses significados é a questão de se perceber e admitir como real sua condição étnico-racial e ter gratidão, orgulho de ser e se reconhecer negro.

O processo de reconhecimento se dá através de nossa percepção e da percepção do outro sobre nós, e nessa perspectiva de reconhecimento o filósofo Charles Taylor afirma que

[...] nossa identidade é particularmente formada pelo reconhecimento ou por sua ausência, ou ainda pela má impressão que os outros têm de nós: uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou a sociedade que o englobam remetem-lhe uma imagem limitada, aviltante ou desprezível dele mesmo. O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado podem causar danos e constituir uma forma de opressão, que a alguns torna prisioneiros de uma maneira de ser falsa, deformada e reduzida (TAYLOR, 1992, p. 10. Apud: NEVES, 2005)

É nesta conjuntura de "reconhecimento inadequado", na qual a personagem Geni tem (re)conhecimento de si. Em momentos que ela é posta em confronto com a imagem

repassada por inhá Rosaria sobre os negros versus a imagem passada por sua professora em sala de aula, ou seja a inhá Rosaria mostrava o negro por um viés singelo e terno, quando a sua professora lhe transmitia a imagem do negro como um povo covarde, passivo a escravidão, e "digno de compaixão". E isso destacamos na citação abaixo. A personagem tem o seguinte pensamento diante do que é dito por sua professora.

— Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. Quando...

E foi ela discursando por uns quinze minutos.

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. (GUIMARÃES, 1998, p.65)

Pontuamos mais um momento em que a personagem Geni, se vê diante dos olhares cruzados de sua turma, levando-a assim a ter mais um (re)conhecimento inadequado de si. Momento em que ela mesma diz: “Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!”. (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

Tais momentos acima destacados nos mostram o peso das palavras e a consequência de uma abordagem distorcida, trazida pelo professor para sala de aula, onde muitas das vezes o aluno negro, bem como sua cultura é esquecida.

Algarve afirma que,

Além de os professores tomarem consciência da importância em trabalhar as diferentes culturas que compõe a sociedade brasileira, precisam se preparar para fazê-lo. Os responsáveis pela manutenção da escola e do sistema de ensino, precisam tomar consciência disso também, e favorecer a formação e capacitação dos professores, além de fornecer materiais e textos didáticos adequados para a organização e desenvolvimento do trabalho no decorrer do ano, e não apenas superficialmente uma o outra vez por ano, sem significado para os alunos". (ALGARVE, 2004, p. 17).

Através da citação de Algarve, podemos perceber o papel do professor neste processo de (re)conhecimento do aluno negro em sala de aula, papel este não só do professor mas também das instituições de ensino. Os professores precisam tomar noção

da importância de sua atuação em sala no que diz respeito a abrangência de todas as culturas existentes em sociedade e principalmente em sala, como também as instituições precisam se dispor a favorecer formação e aperfeiçoamento a seus profissionais, e não apenas disponibilizar resumido material em datas meramente significativas.

Uma indagação bem pertinente sobre esse tema, é questionado por Silva e Monteiro (2000, p. 81), da seguinte forma: "Como poderá alguém desabrochar seu corpo que é físico, que é inteligência, percepção, sentimento, emoção, com alegria e espontaneidade, sendo ele negro num mundo em que o feio, o negativo, o mau, o errado, é qualidade de negro?", faz com que façamos o mesmo questionamento: Como poderá o alunado desabrochar em si o seu (re)conhecimento negro de maneira singela? Como poderia a ingênua personagem ter desabrochado também a sua cor de forma singela e terna?

Sabe-se que estamos longe de encontrar respostas concretas, ou soluções efetivamente eficazes enquanto professores e instituições não se dispuserem a trabalhar com eficácia a causa das relações étnico raciais, pois quando nos negamos a fazer, ou simplesmente vendamos os nossos olhos para esta causa estamos contribuindo para o enraizamento do preconceito.

Segundo Algarve (2004, p. 16), "ao não valorizar a história e a cultura negra [...] a escola contribui para a discriminação e para o preconceito, gerando, no que diz respeito à criança negra, a baixa autoestima e prejuízos para a identidade social". Essa autoestima é importante no processo de (re)conhecimento da criança negra no qual começará a ter reconhecimento de si, de seu povo e de suas origens. O processo de autoestima consiste em "ações que promovam a retomada da cultura e história do negro, evidenciando seus heróis, eliminando definitivamente os estereótipos preconceituosos dos livros didáticos que evidenciam o negro sempre de forma inferior". (CAMPOS JR. 1999, Apud ALGARVE, 2004, p. 16).

A cor e a identidade: Afirmação e superação

No capítulo intitulado *Alicerce* é descrito um dos momentos mais singelos e emocionantes da obra. Capítulo que traz um diálogo entre a personagem Geni e seu pai, diálogo esse que irá traçar suas objeções futuras e que lhe dará impulso para enfrentar e superar todo o preconceito. Esse momento ocorre com a chegada de seu pai do roçado, onde ele pede que a Geni lhe traga o rolo de fumo, o qual era enrolado por um jornal que trazia “a cara do Pelé sorrindo” em uma matéria que narrava algumas de suas façanhas esportivas e informações sobre sua vida:

– Benza Deus. Você viu só, minha filha? Era assim como nós. O pai dele é que deve não caber em si de orgulho. Vendo um filho assim, acho que a gente esquece das durezas da vida. (GUIMARÃES, 1998, p.70)

Consequente a isso a personagem começa mesmo que inconscientemente seu momento de afirmação e superação quando decide que assim como o Pelé ela irá dar orgulho ao seu pai, mas para isso ela o questiona quanto ao que mulher pode ser em sociedade.

– Pai o que mulher pode estudar?
 – Pode ser costureira, professora...
 – Vou ser professora – falei num sopro.
 [...] – Ah! Se desse certo.... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. – Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta.
 – É, pai. Eu vou ser professora.
 Queria que ele se esquecesse das durezas da vida.
 (GUIMARÃES, 1998, p.72)

“Quando já cursando o ginásio” e caminhado assim para o seu sonho de torna-se professora, Geni, passa por mais um momento de preconceito em torno de sua cor, esse momento é retratado em um curto espaço de tempo. Momento em que ela e seu pai estavam indo para casa e, “o administrador” cumprimenta seu pai dizendo: “ – Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...” (GUIMARÃES, 1998, p.73)

Esse momento retratado na obra nos leva claramente a uma reflexão, aos momentos históricos da sociedade Brasileira, quando negros eram privados da

educação, sendo estes apenas destinados ao trabalho escravo. Algo não muito distante dos dias atuais, nos quais os negros ainda não tinham acesso as universidades, mas que vem sendo mudado atualmente. E é perpassando por essas análises que *A cor da ternura* mais uma vez postulasse como um material enriquecedor de superação.

Mas retomando ao momento do diálogo entre o pai da personagem e o administrado, enfatizamos que a resposta de seu pai é categórica, e a própria Geni, afirma que tal resposta a fez quase desfalecer em amor e ternura. Veja o que ele diz:

– É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai. – É pra ela mesmo.
O homem deu de ombros e saiu tão lentamente que quase ouviu ainda meu pai me segregando:
– Ele pode até ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter. (GUIMARÃES, 1998, p.73)

Tal citação corrobora para a ideia de que o seu pai é o seu alicerce e impulsionador de superação e referencial de bondade.

Geni, começa a entrar na fase da adolescência, e nesse momento as mudanças em seu corpo começam a se mostrar. Nesse espaço transitório de menina para mulher ela afirma que: Vai-se “minha criança, deixando-me abobalhada e sonsa, sem tempo de mais um brincar[...]. Fiquei [...] de boca aberta. Mulher, como me contaram. Apenas. (GUIMARÃES, 1998, p.81). E é diante dessas vivencias que a menina/mulher reflete sobre si, quando diz:

Mulher, terminando ginásio.
Mulher cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.
Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.
Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizos dos passos.
Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.
Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.
Mulher, contudo, e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel.
(GUIMARÃES, 1998, p.81)

Nesses versos são indicados todos os obstáculos que Geni, vivenciará (vivencia). Nesse aspecto entra a questão que além de ser negra e oriunda de família pobre, Geni,

era mulher, o que poderia ser mais um agravante. Pois é bem sabido que em tempos remotos a mulher em sociedade teve muito dos seus atuais direitos não reconhecidos e negados. Mas todos esses empecilhos não são capazes de barrar o sonho e a promessa que outrora foi feita ao seu pai em tornar-se professora.

Em sequência a personagem narra os momentos antecedentes e exatos de sua colação de grau. Postulamos, “o ser negro como valorizado e ressignificado, pois na heroína[.]” (OLIVEIRA, 2010, p.116). Mas quem vem a ser a heroína? Essa ressignificação em face de heroína, nos é trazido em narrativa no capítulo intitulado “Momento cristalino”, a saber:

Terminada a entrega dos certificados, fui convidada para discursar, por ter sido escolhida para oradora da turma.

De novo meu pai ficou em pé, desatou o nó da gravata e assumiu postura de rei. Para melhor me ouvir[...].

Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço do bolso e passou a carregá-lo como se fosse um vaso de cristal. (GUIMARÃES, 1998, p.85)

Portanto, Geni, “quanto aos [seus] traços pessoais, [...] por fim, se reconhece como “princesa”. E, nesse sentido, eleva a percepção de si mesma rompendo, desse modo, com a autopercepção inferiorizada”. (OLIVEIRA, 2010, p. 116). Mostrando assim por meio de sua história a capacidade existente em si de superação enquanto mulher e futura professora negra, calando aqueles que a tentaram silenciar.

Mas a história gloriosa dessa “princesa” não findasse como conto de fadas. Com o certificado em mãos, ela sai em busca de emprego, e nessa busca passará outros momentos preconceituosos dentro do âmbito escolar, dentro da escola a qual consegue emprego. “Geni, embora temerosa, mas altiva, enfrenta os primeiros passos em face dos desafios por ser uma professora preta”; (OLIVEIRA, 2010, p.116). E isso é enfático nos olhares tortuosos da diretora, das mães e até mesmo de uma criança que chora ao vê-la e diz: “Eu tenho medo de professora preta” (GUIMARÃES, 1998, p.85)

Geni, mais uma vez, consegue driblar todo o preconceito existente em cima de sua cor e com seu jeito doce consegue ganhar a confiança de todos e principalmente da criança que antes chegou a temê-la. Ela, porém, resume a história de sua vida em algumas palavras, quando diz: “Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquetetar conteúdo para o cofre dos redutos”. (GUIMARÃES, 1998,

p.93). As dores, medos e frustrações de nossa personagem refletiram em um futuro glorioso, da mesma forma que crianças negras podem em contato com a obra e história de Geni, produzirem reconhecimento de si enquanto sujeito em sociedade e de toda a história de seu povo, gerando por vez amadurecimento para superação de seus próprios conflitos.

Considerações Finais

De fato, os preconceitos raciais estão presentes em nossa sociedade. Sociedade em que os negros são historicamente excluídos, suas oportunidades foram e muitas das vezes ainda são negadas. E é partindo dessas perspectivas que enfocamos a importância de uma educação que desmistifique essa visão preconceituosa e depredatória em torno da população negra. Educação está que não aluda o negro como ser coisificado, mas sim como sujeito de grande importância em nossa construção sócio histórica.

Portanto neste sentido de desconstrução de uma imagem opressora, colocamos o livro *A cor da ternura* como relevante material de apoio para a análise do negro em sociedade, onde tem que vencer os obstáculos de acordo com sua condição étnico-racial, obstáculos estes impostos por uma sociedade segregadora, que diferencia preto e branco muito mais que pobre e rico, nos mostrando, assim que o preconceito é mais estabelecido sobre a cor de pele.

Através dos 3 (três) momentos destacados no corpus do texto, a saber: “*Tinta de gente não sai*”: conflitos de negação da identidade negra onde abordamos um pouco do conceito de identidade e de que maneira essa identidade se constitui pela criança negra, como também de que maneira a personagem constitui a sua identidade.

Em *Tempos escolares: (Re)conhecimento do ser negro*, retratamos de que maneira ocorreu o reconhecimento da Geni, em seu âmbito escolar, enfatizando que assim como a personagem, as crianças negras tem na escola um maior enfoque do seu reconhecimento, sendo muitas das vezes um reconhecimento negativo, oriundo pois de um sistema eurocêntrico ainda enraizado em sociedade.

Encerrando-se, pois, em *A cor e a identidade: Afirmação e superação*, trazendo passagens que comprovam essa afirmação e superação da personagem frente a um meio social que por diversas vezes a segregou e tentou parar seus sonhos. E foi assim que

tentamos retratar de maneira clara e sucinta a história de lutas, conflitos e superações da personagem Geni, com o intuito de reiterar a obra como material indispensável para o enfrentamento ao racismo em salas de aula.

Geni, era mulher, negra e pobre vivendo em uma sociedade excludente, mas mostra que através de sua força de vontade foi capaz de superar todos os obstáculos que sua condição lhe impôs.

Tentamos, pois, abordar uma temática tão delicada por um viés que nos remetesse ao sentido de ternura, compreendemos através da obra se há uma ternura na cor negra, e o que há de terno em sermos e nos reconhecermos enquanto negros e negras em uma sociedade racialmente desigual. Já que a própria obra nos sugere esse sentido terno em seu título.

Como outrora enfatizamos na introdução, essas são aquelas perguntas com várias respostas, com diferentes entendimentos e que dificilmente encontraríamos uma resposta plausível. Mas que a própria Genir, ao final de sua obra, nos leva a ver ternura em sua história de superação.

Sabemos que muito ainda tem a ser mudado, e que longe estamos de uma sociedade mais igualitária, mas tal pesquisa tenta mostrar possíveis caminhos de efetivação de algo que já é lei desde 2003, mas que até hoje caminha para uma efetivação de fato.

Finalmente almejou-se contribuir para a (re)construção e o (re)conhecimento da criança negra em sala de aula, efetivando uma “educação antirracista”. Entendemos que esta temática é de suma importância não só para a criança negra presente em sala de aula mas para todos os demais grupos sociais e étnicos, bem como para a construção de uma sociedade menos segregadora e opressora.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na Educação Infantil**. São Paulo: Moderna, 2006 BRASIL. CEB n° 022/98.

ALGARVE, Valeria aparecida. **Cultura Negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** Dissertação de Mestrado (pdf). Universidade Federal de São Carlos, Setembro, 2004.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A construção da Identidade Étnico-Racial na Era da Informação. In: TELLA, Marcos Aurélio Paz. **Cadernos Afro Paraibanos. (Vol. I). Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico Raciais**. João Pessoa, 2012, NEABI/UFPB.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Educação Antirracista: A Emergência de um problema. In: TELLA, Marcos Aurélio Paz. **Cadernos Afro Paraibanos, Vol I. Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico Raciais**. João Pessoa, 2012, NEABI/UFPB.

BRASIL. Parecer CNE/CP no. 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Reações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p.1, 17 jun.2004.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Racismo e anti-racismo na Educação**. São Paulo: Summus, 2001.

FRY, Peter. **A persistência da Raça**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da Ternura / Geni Guimarães; ilustrações Saritah Barboza**. – 12. ed. – São Paulo: FTD, 1998. (Coleção canto jovem).

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil hoje**. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNANGA, Kabengele . **Identidade, cidadania e democracia:algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil**. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994

_____. **“Negritude e identidade negra ou afro-afro-descendente: um racismo ao averso?”** Revista da ABPN, v. 4, n. 8, jul/out. 2012.

NEVES, Paulo Sérgio da C. **Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092005000300006&script=sci_arttext. Acesso em 27 de abr. 2015.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e Moçambique (2000-2007)**. Tese de Doutorado (pdf). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Relações Étnico-Raciais na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira**. In__ : **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979 – 1989**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

_____. **Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil: há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação**. In__ : SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etienne Mendes (Orgs.). **Caminhos da Leitura Literária: propostas e perspectivas de encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009, pp. 156-176.

_____. **Relações Etnicorraciais na Produção Literária Infanto-Juvenil Contemporânea: Trilhando Veredas Inovadoras**. ROCHA, Solange Pereira; FONSCCECA, Ivonildes da Silva (Orgs.). **População Negra na Paraíba: Educação, História e Política**. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

RISÉRIO, Antonio. **“Black-out” - Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ROCHA, Solange Pereira. **A Lei 10.639/03 Na Primeira Década: reflexões, avanços e perspectivas**. In__ : **Diversidades étnicos-raciais e interdisciplinaridade: diálogos com**

as leis 10.639 e 11.645 / José Luciano de Queiroz Aires... [et al.], organizadores. – Campina Grande: EDUFCEG, 2013.

ROSENBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SANTOS, Ana Katia Alves dos. **Infância e afrodescendentes: epistemologia no ensino fundamental**/ Ana Kátia Alves dos Santos. – Salvador: EDUFBA, 2006.

SILVA, Ana Célia; MONTEIRO, Hilda. Combate ao racismo e construção de identidades. In: ABRAMOWIXZ, A. e MELLO, R. R. **Educação: Pesquisas e Práticas**. Campinas: Papyrus, 2000.

SILVA, Michelle Pinto da. **Identidade, memória e resistência em *A cor da ternura e Ponciá Vicêncio*** [manuscrito] Michelle Pinto da Silva. – Dissertação de Mestrado – PPGLI, UEPB, Campina Grande, 2014.

SILVA, Vera Lúcia Neri da. **As interações sociais e a formação da identidade da criança negra**. Dissertação Mestrado em Educação. UFF, 2002.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.